

*Da Arte Rupestre ao Ar Livre  
ao mundo Contemporâneo*

## **ESTATUETA DE BRONZE DE VALE DO JUNCO (ORTIGA, MAÇÃO)**

## **A ROMAN LITTLE STATUE FROM VALE DO JUNCO (ORTIGA, MAÇÃO)**

Recebido a 12 de maio de 2022

Revisto a 13 de maio de 2022

Aceite a 15 de maio de 2022

**José d'Encarnação**

Universidade de Coimbra  
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património  
Rua Eça de Queiroz, 89  
Pampilheira  
P – 2750-662 Cascais  
[jde@fl.uc.pt](mailto:jde@fl.uc.pt)

**Fernando Coimbra**

Instituto Terra e Memória  
Largo dos Combatentes da Grande Guerra  
P – 6120-750 Mação  
[coimbra.rockart@yahoo.com](mailto:coimbra.rockart@yahoo.com)

### Resumo

O inesperado achamento de uma estatueta de bronze entre o espólio guardado no Museu Municipal de Mação proveniente do sítio romano de Vale do Junco determinou o seu estudo, ao mesmo tempo que se faz o ponto da situação acerca do que se sabe acerca deste sítio ainda não escavado na sua totalidade. Descreve-se a peça, discute-se a sua autenticidade e dá-se particular relevo à inscrição que ostenta.

*Palavras-chave:* Mação; escultura romana; epigrafia grega; história local e regional.

### Abstract

The unexpected finding of a little Roman statue in the Museu Municipal de Mação gave the opportunity to resume what we know about the Roman site of Vale do Junco. The statue is described and a special attention is given to the Greek inscription that it presents.

*Key-words:* Mação; Roman sculpture; Greek epigraphy; local history; Zoe.

## 1. O sítio de Vale do Junco

Ao procurar materiais de cronologia romana na reserva do Museu de Arte Pré-histórica e do Sagrado no Vale do Tejo, em Mação, encontrou-se, devidamente acondicionada numa caixa de cartão, uma estatueta de bronze, juntamente com outro espólio proveniente da Estação Romana de Vale do Junco.

A peça, de que ora se dá conhecimento, parece não ter sido ainda publicada. Tem a particularidade de ter atada uma etiqueta onde se pode ler: “Vale do Junco, 1921, Félix Alves Pereira” (Figura 1).



Figura 1 – A estatueta com a etiqueta identificativa. Fonte: Fernando Coimbra.

Trata-se de uma importante informação para a história deste sítio arqueológico, cujas primeiras escavações, da responsabilidade de João Calado Rodrigues, tiveram início apenas em 1943 (Pereira, 1970, pp. 352-374).

Como é sabido, Félix Alves Pereira percorreu, no início do século XX, algumas regiões da Beira Baixa, tendo estudado, por exemplo, materiais romanos da freguesia de Belver, no concelho de Gavião (Pereira, 1912), que faz fronteira com a freguesia de Ortiga (Mação), onde se localiza Vale do Junco. Daí não ser estranho que o insigne arqueólogo de Arcos de Valdevez tenha passado alguns anos mais tarde por este arqueossítio. Desconhecemos como lhe chegou às mãos a estatueta, mas é sabido que a estação romana de Vale do Junco tem sido saqueada por pesquisadores de tesouros desde há muito tempo, existindo algumas peças na posse de particulares. «Embora este vasto campo de ruínas, junto ao Tejo, tenha sido saqueado durante muitos anos pelos camponeses que ali foram buscar pedra para a construção de casas e muros, ainda se conservam alguns vestígios de construções acima do nível actual do solo», escrevia João Manuel Bairrão Oleiro (1951, p. 108).

Foi o Dr. João Calado Rodrigues (1881-1953), cuja ingente obra histórico-cultural em Mação nunca será demais salientar (Cardoso, 2017), quem por primeiro se interessou por Vale do Junco, tendo escavado sobretudo a área do balneário. Não há relatório formal dessa intervenção; contudo, Maria Amélia Horta Pereira faz-se eco (1970, pp. 353-354) do que encontrou entre a correspondência e por aí se verifica que, além de sepulturas (escavara-se a necrópole), se refere «uma construção romana», passível de ser classificada como «balneário, oficina de oleiro ou de lavagem de minério». No «pavimento de uma das divisões», identificaram-se «fragmentos de jorra» «e o que se supunha serem os ganchos de uma balança romana».

Seguiu-se-lhe o Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, que prosseguiu os trabalhos e deles apresentou, em 1951, sucinto relatório, que Horta Pereira transcreve (p. 356). Dele há a destacar:

- a) a identificação de «três construções semicirculares, que talvez correspondam a fornos para fundição de mineral» (queria dizer ‘minério’), hipótese que, segundo Bairrão Oleiro, poderá ter corroboração no facto de «uma das colinas próximas ao plaino em que estão as ruínas ser conhecida pelo sugestivo nome de «outeiro da mina»;
- b) o achado de objectos de ferro: «fragmentos de um ferro de balança, chocalhos, pregos, etc.»;
- c) as moedas então identificadas permitem datar o sítio da segunda metade do século III;
- d) sublinha-se o «carácter agrícola-industrial» que o sítio «parece oferecer».

Teve Horta Pereira a possibilidade de estudar 8 dessas moedas (pp. 364-369), que confirmam a datação sugerida. E quanto ao que se assinala nesta alínea d), dir-se-á que, identificado o estabelecimento de banhos, «por certo privativos de alguma vivenda», sugere Horta Pereira, permaneceu – e, porventura, ainda permanece – a dificuldade em «determinar com precisão a função de determinados compartimentos» (p. 362). Aliás, Horta Pereira – que dedica a Vale do Junco as pp. 352-374 da sua monumental monografia – não deixa de começar por falar de lendas («era ali a maior cidade do Mundo»!...).

Perante o estado de degradação que os vestígios apresentavam e a necessidade de preservar o sítio, o Dr. Rogério de Carvalho, tendo sido nomeado para superintender a essa área da Beira Baixa no âmbito do Instituto Português do Património Cultural, procedeu a acções de limpeza e de sondagens de emergência em pontos que considerou mais sensíveis, embora tenha declarado de imediato que o sítio exigia «uma acção programada para o seu estudo integrado». Dos seus trabalhos se publicou sumária conta em 1987. A identificação de uma forja (Figura 2) e de objectos metálicos com ela relacionados (uma tenaz de ferreiro, um bico de fole, um martelo de forja, uma bigorna)

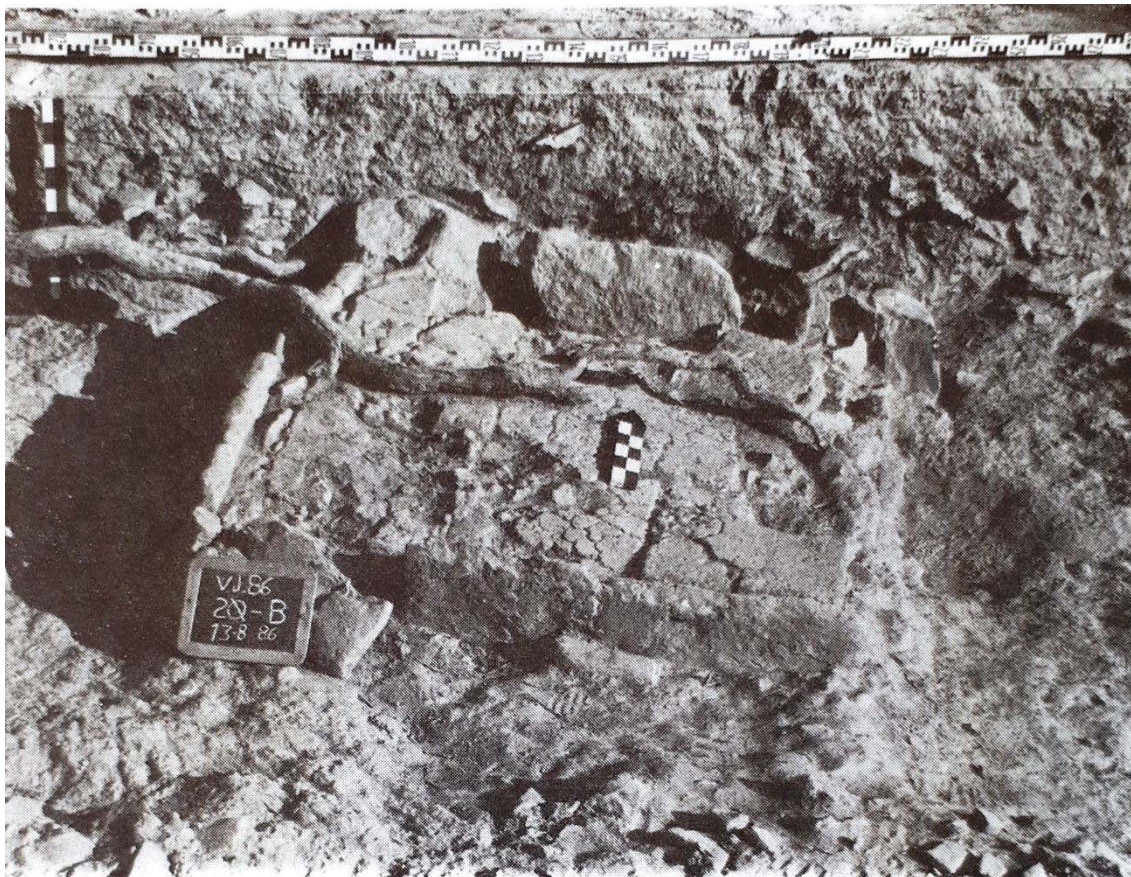


Figura 2 – Estruturas de *lateres* correspondente à base da forja. Fonte: Rogério de Carvalho.

– que foram objecto de publicação deste arqueólogo com Salete da Ponte (1985-1986) – constituiu, sem dúvida, uma das novidades mais salientes, a confirmar o que já se suspeitava.

## 2. A autenticidade da estatueta

A estatueta, de bronze, tem 12 cm de altura e 6,8 cm de largura; pesa 218,7 g. Representa um jovem do sexo masculino, desnudado, com o braço direito ao longo do corpo e a mão encostada ao exterior da coxa, segurando uma cartela onde pode ler-se uma inscrição.

O braço esquerdo, aberto em ângulo de cerca de 40° com o corpo, tem a mão com a palma virada para a frente, numa atitude de chamamento ou de convite. A mão

direita tem os dedos mais compridos que a esquerda, sendo mais imperfeita, não se observando o polegar, porque teria a função de segurar a cartela por trás.

O pé esquerdo apresenta, por baixo, um espigão, que dá ideia de a peça ter estado apoiada numa base, certamente de madeira ou de outro material perecível. As coxas estão unidas e a pernas ligeiramente afastadas, a partir dos joelhos. O cabelo é curto e o rosto imberbe, ligeiramente inclinado à direita. Abaixo das nádegas existe um pequeno orifício com cerca de um milímetro, onde eventualmente poderia estar acoplado qualquer outro elemento de carácter escultórico (Figura 3).



Figura 3 – A estatueta vista de costas. Fonte: Fernando Coimbra.

Compulsando-se o mais completo repositório de bronzes figurativos romanos identificados em Portugal, o de Nunes Pinto (2002), as figuras mais parecidas com esta poderão ser as dos ofertantes guardadas no Museu Nacional de Arqueologia (estampas



197 e 198), nomeadamente atendendo à semelhante posição dos braços (Fig. 376, que, com a devida vénia, reproduzimos: Figura 4). O ofertante do Museu Nacional de Arqueologia tem 11,3 cm de altura, 5,2 de largura e pesa 84,8 g.



Figura 4 – Ofertante do Museu Nacional de Arqueologia. Fonte: António J. Nunes Pinto.

A primeira questão que se levanta perante uma estatueta romana é a da sua autenticidade. Compreender-se-á, pois, que a panorâmica traçada do que foram os trabalhos arqueológicos em Vale do Junco e as conclusões a que se chegou haja tido justamente como finalidade proporcionar a mais ajustada discussão a esse propósito.

Mostrou a Dra. Horta Pereira o cuidado com que o Dr. Calado Rodrigues tratava os artefactos exumados – as moedas, escreve, estavam «dentro de uma caixinha, devidamente etiquetada» (p. 364). Ora, neste caso, a etiqueta a que começámos por nos referir inclui-se nesse cuidado e a referência a Félix Alves Pereira mais não é do que a informação de que fora ele que, numa das suas passagens por Mação, a achara e a entregara.

A estatueta foi fundida. Vestígios de trabalho de fundição abundam em Vale do Junco. Este será, por conseguinte, o segundo argumento a demonstrar que estamos perante uma estatueta autenticamente romana. De resto, afigura-se-nos pouco provável que eventual falsificador tivesse a ideia de não esquecer o pequeno espigão que, sob o pé esquerdo, serviu, como se disse, para assentamento na base de sustentação, espigão que se encontra, por exemplo, no Hércules do Museu Nacional de Arqueologia (Pinto, 2002, estampa 25, p. 627).

### 3. A inscrição

A inscrição, fundida ao mesmo tempo que toda a peça, está em caracteres gregos maiúsculos, dispostos verticalmente numa placa para serem lidos do lado de fora: ΣΩΝ (Figura 5).



Figura 5 – Pormenor da inscrição. Fonte: Fernando Coimbra.

Apenas a última letra, devido ao leve desgaste sofrido, pode oferecer dúvidas de interpretação: N ou H. Põe-se de parte a hipótese II, por não corresponder a nenhuma letra grega, a não ser que o artífice, pouco familiarizado quiçá com os sons gregos, tenha mesmo querido escrever II, a corresponder ao E das inscrições latinas. N é a maiúscula equivalente ao N latino; H, ao invés, é a maiúscula do épsilon ( $\epsilon$ ).

De qualquer modo, soar-nos-ia melhor Zoé, não só por ser, na actualidade, modelo de uma marca de automóveis, mas porque é nome feminino já em uso. Pôs-se, todavia, de parte essa hipótese, de eventual identificação da pessoa representada, porque a estatueta é de um varão.

A comparação com as figuras de ofertantes leva-nos, por conseguinte, a situarmo-nos, de preferência, no domínio dos ex-votos, ou seja, objectos que se entregavam à divindade, em resultado do cumprimento de um voto, em agradecimento ou para obter uma graça, conforme Marc Mayer teve oportunidade de nos sugerir.

Como, neste caso, a personagem está desnudada, o que se admite mais numa divindade, sempre se perguntaria se a representação é a do devoto ou a da divindade que pretende obsequiar. Cremos que ambas as possibilidades não encontram objecção, ainda que seja mais fácil admitirmos estar em presença do ofertante, na medida em que a divindade deveria ostentar atributos que facilmente a identificariam.

Outra objecção seria a da ausência de contexto religioso em Vale do Junco. Não se encontrou vestígio de templo ou de templete e, de momento, embora de dimensões consideráveis e com evidente actividade metalúrgica, a possibilidade de estarmos perante uma *villa* não será despicienda. Numa *villa*, o *lararium* facilmente acolheria, pois, uma estatueta oferecida aos númenes familiares.

Resta, por conseguinte, desvendar o segredo guardado na enigmática inscrição.

Entrámos em contacto com a Doutora Fátima Silva, eminente catedrática de Grego da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que mui prontamente (muito obrigado!) connosco foi partilhando o que investigou.

Explicou-nos, em primeiro lugar, que «O que lá está escrito é ΣΩΗ, ou seja, σωή, uma palavra que não existe. Mas creio que a solução é simples e está na má grafia do primeiro carácter. A palavra correta será, em maiúsculas, ΖΩΗ, ou seja, ζωή, que significa "Vida" – σωή soa 'soê' e ζωή soa 'zoê'. Já vêes como a diferença, apenas de sonoridade do s/z, ajuda à confusão».

Consultámos também o nosso amigo de longa data Panagiotis Doukellis, professor no Departamento de Sociologia da Panteion University of Social and Political Sciences, de Atenas, que confirmou:

«ΣΩΝ existe comme nom, rare mais il existe. L'écriture semble correspondre à celle de 3<sup>ème</sup> – 2<sup>ème</sup> s. avant J. C. La grande question pour moi réside au fait que le nom est pris en considération au moment de la fabrication du moulage, le nom est fondé et non gravé comme c'est l'habitude => une fabrication de masse avec le nom d'un seul personnage ?? À moins que ΣΩΝ corresponde à la nomination d'une divinité...».

Foi a nossa amiga Doutora Maria de Fátima mais longe e decidiu-se a pesquisar «zoe»:

«[...] E verifiquei que há duas discussões candentes em volta de zoê: aquela que pretende estabelecer uma distinção com outras palavras que igualmente significam 'vida'; e um grande impacto que a palavra teve na linguagem bíblica. Deixo-te aqui apenas dois textos, nada de muito especializado, mas que mesmo assim suscitam essa discussão. A tradição bíblica é capaz de ser importante para a tua leitura», até porque, acrescentou, é tal «a importância bíblica desta figura, que houve quem a sobrepusesse a Eva...».

Confessamos desconhecer que esta indagação nos levaria tão longe...

Um dos textos que a Doutora Maria de Fátima encontrou – vamos transcrever duas passagens na língua original para mais facilmente lograr chegar lá quem desejar lê-lo na íntegra – não tem autor e situa-se no domínio da hermenêutica da Bíblia:

«The Greek word “zoe” is used to express the form of “life” that Jesus gives to His followers. “I have come that they may have life {“zoe”}.” (John 10, p. 10).

[...]

Spiros Zodhiates in his *Greek Word Study* defines “zoe” as follows: “life; referring to the principle of life in the spirit and soul. Distinguished from bios, physical life —of which zoe is the nobler word, expressing all of the highest and best which Christ is and which He gives to the saints. The highest blessedness of the creature.”».

No mesmo sentido vai Castro Bartolomé Ruiz (é o outro texto cuja leitura nos foi sugerida), que escreve, a dado passo:

«O termo zoe, na cultura grega, designa a mera vida natural, enquanto o termo bios denomina a vida humana que vai além da mera vida natural. Ou seja, a constituição do sujeito na sua vida social e política» (2007, p. 264).

Por aquelas coincidências de que nos orgulhamos, está em Mação, na ocasião em que nos debruçamos sobre este assunto, o aluno de mestrado Dionysios Danelatos, grego. Mostrámo-lhe a inscrição e ele disse-nos que a mãe é da área de Filologia e que a inscrição se lê SOE, significando “saudável”. Teve Eleousa Mazioti a gentileza de nos dar a sua interpretação, que mui gostosamente transcrevemos:

«The word « σῶν » in ancient Greek may either be a possessive pronoun meaning “yours”/ “from what belongs to you”, in plural, or an adjective which was first used in Homer’s time and meant the one that has been saved – from danger, injury or death –, whole, intact, healthy, safe – also not dangerous – «σῶος- σῶς» for the

masculine in the nominative and «σῶν» for the accusative, while for the neuter it is «σῶν» in both nominative and accusative cases. Since it is found engraved on a small bronze statue, it must be the second case, which may mean that the person pictured on it was saved from a threatening situation and the statue itself was an offer to the gods, like people sometimes do even today when they attach effigies to a saint's icon in churches in order to express their gratitude for salvation of themselves or their beloved».

«[...] Pode significar que a pessoa aí representada haja sido salva de uma situação confrangedora e essa estátua era uma oferta aos deuses...».

Estamos de acordo, porque, na verdade, a Filologia e a exegese bíblica lograram aqui dar as mãos de uma forma inesperada para resolver uma dúvida epigráfica.

Completar-se-á, portanto, com a palavra do arqueólogo e do epigrafista sobre o invulgar documento cultural que esta mui singela estatueta representa: a interpenetração – ainda titubeante (e, daí, as hesitações ortográficas) – de duas culturas: a latina e a grega, o que não deixa de ser singularmente significativo, mormente se pensarmos que a estatueta pode muito bem ter sido obra fundida no próprio sítio de Vale do Junco.

### **Bibliografia**

- Bartolomé Ruiz, C. M. M. (set/dez 2007). Paradoxos do biopoder: a redução da vida humana a mera vida natural». *Filosofia Unisinos* 8(3), 263-275.
- Cardoso, J. L. (2017). As investigações sobre a Pré e a Proto-História no concelho de Mação na década de 1940: o contributo de João Calado Rodrigues. *ARKEOS* 41, 31-43.
- Carvalho, R. de (1987). Estação romana do Vale de Junco – Ortiga. *Informação Arqueológica*. 8, 73-75.

Carvalho, R. de; Ponte, S. da (1985-1986). Seis peças metálicas do Vale do Junco.

*Portugalia* n. s., VI/VII, p. 105-106 + 2 estampas.

Oleiro, J. M. B. (1951). Actividades arqueológicas no Concelho de Mação (Beira Baixa.

Portugal). *Zephyrus* II, 107-109.

Pereira, F. A. (1912). A antiguidade em Belver. *O Archeologo Português*. 17, 265-275.

Pereira, M<sup>a</sup> A. H. (1970). *Monumentos Históricas do Concelho de Mação*. Câmara

Municipal de Mação, 352-374.

Pinto, A. J. N. (2002). *Bronzes Figurativos Romanos de Portugal*. Lisboa: Fundação

Calouste Gulbenkian.

